Ano V — Lisboa, Fevereiro de 1949 — N.º 46

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

NO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

A Sessão Solene Comemorativa do 4.º Aniversário do «Sempre Pronto»

No meio de grande entusiasmo, realizou-se no passado dia 22 a sessão comemorativa do 4.º aniversário do «*Sempre Pronto*». Presidiu o presidente do Tribunal de Honra da A. E. P., Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, que foi secretariado pelos Srs. Avelar Machado, presidente do Ateneu Comercial de Lisboa e Carlos Mexia de Castro Paiva, secretário da A. E. P. em representação do Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, que se encontrava doente.

Aberta a sessão, tomou a palavra o Sr. Dr. Cortez Pinto, dizendo ser uma honra para ele presidir à sessão comemorativa do aniversário «*S. P.*» o jornal que manteve o fogo sagrado do Escotismo em períodos adversos que, felizmente, agora já passaram.

Terminou, pedindo à assistência que o acompanhasse num voto de melhoras para o Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, que a assistência sublinhou com uma forte salva de palmas.

O Sr. Carlos Mexia de Castro Paiva leu em seguida cartas e telegrama de cumprimentos dos Srs. João Trigueiros, Fausto Salazar Leite e Armando Lino que não puderam comparecer.

Cooperação é a chave do sucesso

A seguir o director deste jornal usou da palavra para fazer a apologia da «Cooperação» como chave de todo o sucesso. Depois de descrever o elogio da Cooperação, referiu-se às virtudes que ela em si encerra, indigitou-a como uma das forças mais poderosas com que o Escotismo pode contar.

Estamos aqui pois por imperativo de consciência a tributar agradecimento a todos os muitos amigos do «Sempre Pronto».

O nosso director prosseguiu dizendo: «Não mereceria tanto relevo a comemoração do IV aniversário do início da publicação do «*S. P.*», se não fosse devida homenagem ao magnífico espírito de cooperação que temos tido a felicidade de reunir em nosso redor. Estamos aqui por imperativo de consciência a tributar agradecimento a todos os muitos amigos do «*S. P.*» que, através de uma colaboração constante, têm tornado possível o seu êxito.

(Continua na 2.ª página)



ENG.º NOBRE SANTOS

BADEN-POWELL E O ESCOTISMO

Algumas considerações a propósito do 92.º Aniversário do Fundador

«É mais fácil ensinar a vinte pessoas o que se deve fazer, do que constituir-se uma dessas vinte para seguir as instruções que uma dá».

SHAKESPEARE

Temos a opinião de que as grandes obras só grandes homens as podem realizar. Só os espíritos privilegiados, só essas inteligências insignes com que o favor de Deus vem por vezes presentear a Humanidade, logram imprimir às suas acções aquele cunho especial, o sopro genial da imortalidade.

É este o caso do Escotismo. Apesar de já alguns decénios se terem rendido sobre a experiência de Brownsea, cada vez ele se mostra mais novo, mais firme, mais oportuno e mais útil. Novas gerações se sucedem e sempre proveitoso se mostra o método; novas instituições se erguem e maior vitalidade ele evidencia.

A quem se deve esta invulnerabilidade do Escotismo? é altura de se perguntar.

Ainda no último «Jamboree» se pôde observar que um laço poderoso ligava essa juventude heterogénea na mais perfeita união. E mais transcendente se apresentava a harmonia dessa comunhão, ao saber-se que a desordem, o egoísmo e a guerra tinham campeado no orbe, cujas feridas ainda estavam por cicatrizar. Esta revolução de amizade e de entendimento, todos o sabemos, tem o cunho do seu fundador, o nosso saudoso Chefe Lord Baden-Powell, que com uma inteligência luminosa soube arquitectar esta doutrina prodigiosa, força que tem dado ao mundo justas esperanças de paz e fraternidade no futuro.

Realmente, que grande sistema delineou Baden-Powell que assiste incólume ao desenrolar dos anos, provado pelas mais duras circunstân-

(Conclui na 2.ª página)

BADEN-POWELL E O ESCOTISMO

Algumas considerações a propósito do 92.º aniversário do Fundador

(Conclusão da 1.ª página)

cias, sem que necessário se torne,—ou mesmo conveniente,—mudar uma vírgula sequer à concepção original!

A imutabilidade da doutrina, traduz a imutabilidade do carácter do seu autor. Uma e outro são firmes, são sólidos, intransigentes contra o mal, contra a fraqueza; pode dizer-se, enfim, que no Escotismo se encontra a essência do espírito de Baden-Powell. Se na doutrina se aponta o método a adoptar, o caminho a seguir, no Fundador tem-se as provas irrefutáveis dos resultados a que o sistema pode conduzir.

Pode-se sintetizar nestas palavras do Chefe Mundial, o objectivo da Causa: «Procurai deixar a terra um pouco melhor do que a tendes encontrado». E Baden-Powell, quando nos deixou, ofereceu-nos uma nova mocidade, despertada em todas as suas virtudes, rapazes que ele foi arrancar aos antros de preversão e da morte.

Esta identidade entre a Doutrina e o Fundador, se bem que em muito pode auxiliar o Chefe na sua árdua missão de conduzir os escoteiros à sua guarda, em certos casos vem envolver essa acção de grande responsabilidade.

Diz-nos Jean Pellegrin: «A tua acção como Chefe é a tua vida. É, toda a tua vida que ofereces». É esta a grande obrigação a que o Chefe tem de corresponder. Ele tem de viver o Escotismo em todos os seus actos, tem de impregnar-se da sua essência. Aquele que não sentir alento ou vontade de lutar para transformar a sua vida num paradigma cada vez mais perfeito a oferecer aos seus rapazes, será melhor abandonar o seu posto; está mal-servindo a Obra e a farsantear a alta missão que nas suas mãos está depositada.

Escotismo não existe nos livros ou nos tratados; o Escotismo é vida, é exemplo, é luta. Baden-Powell foi um grande lutador; mercê da obstinação com que contrariava a fraqueza da sua condição humana, conseguiu essa posição privilegiada de Escoteiro-Chefe-Modelo. Essa luta não foi fácil e é nisso que reside o seu grande valor.

Ele já não está entre nós; contudo, a sua obra—a sua Vida—continua a ser a nossa grande guia e o incentivo para a missão a que nos entregámos. Saibamos aproveitar dela os preciosos ensinamentos. Estaremos assim a percorrer a sua senda. E é esta a melhor homenagem que lhe poderemos prestar ao comemorarmos o seu aniversário.

JOEL RIBEIRO

Sessão Solene Comemorativa do 4.º Aniversário do "Sempre Pronto,,

(Continuação da 1.ª página)

Graças ao esforço de todos, o «S. P.» já não acabará sem ter assinalado a sua passagem no Movimento Escotista Português.

E, continuando, disse: «Vemos aqui nesta sala amigos dedicados que ao terem conhecimento, em fins de 1944, da nossa intenção de publicar o «*S. P.*» tiveram a gentileza de nos prevenir das dificuldades e todos eles — e nós também — estavam convencidos de que seria mais um jornal de vida efémera, publicaria 2, 3, 4 ou talvez 5 números. Mas graças ao esforço de todos, graças à cooperação de Escoteiros, Antigos-Escoteiros, Amigos do Escotismo, o «*S. P.*» já não desaparecerá sem ter assinalado a sua passagem no Movimento Escotista Português, propagando-o, dando notícia da sua existência através do Mundo inteiro, agitando ideias, definindo princípios, instruindo e estimulando».

Agradeceu depois à Direcção do A. C. L. a gentileza da cedência daquela sala e a colaboração pronta que o «*S. P.*» tem sempre encontrado naquela Casa.

Enalteceu as qualidades do orador da noite, o Sr. Eng.º Nobre Santos, como um dos escoteiros mais dedicados. Agradeceu também a presença do representante da A. E. P., o nosso amigo Carlos Mexia de Castro Paiva, e fez votos pelas melhoras do Presidente Interino da A. E. P., Sr. Eng.º Brotas Cardoso.

Por último, dirigiu-se ao Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, dizendo ter infrigido deliberadamente as leis do protocolo para dar mais relevo ao aprimorado espírito de cooperação de que este grande amigo do Escotismo dá constantes provas.

Terminou agradecendo a presença de todos naquela reunião.

A seguir, efectuou-se a entrega ao Ateneu Comercial de um volume encadernado dos números do «*S. P.*» publicados.

A conferência do Sr. Eng. José Maria Nobre Santos

O Sr. Eng.º Nobre Santos principiou então a sua conferência, subordinada ao tema «*Dos Ideais Escotistas*», dizendo desejar analisar os ideais que norteiam a formação do escoteiro, através da sua promessa e da sua lei, os ideais de Honra, Lealdade e Fraternidade.

Quando a Humanidade for constituída por homens que tenham a resolução íntima de proceder melhor, então estaremos no limiar de uma nova era.

Analisou o método empregado pelo Escotismo de incutir no rapaz o desejo de sempre seguir os altos princípios criados pela sua mística, afirmando ser esse o único caminho para criar homens capazes de formar uma nova era, princípios que têm sido apontados por todas as religiões, desde as mais remotas até à Cristã, sem que, contudo, ainda tenham frutificado.

E, prosseguindo, disse: «Ao chegar a este ponto da minha meditação, várias questões se me puseram:

Valerá a pena esforçarmo-nos para atingir esses ideais?

Merecerá a pena dedicarmo-nos a incutir nos outros estes princípios na esperança de vermos coroados os nossos esforços?

Enfim, poderemos alimentar esperanças de que um dia todos os homens alcançarão essa perfeição?

A meu ver, e, felizmente, no de muitíssimas outras pessoas, a resposta é afirmativa e esperançosa».

A corroborar o seu pensamento, descreveu a evolução do espírito do Homem através dos séculos, concluindo que ela foi-se acentuando, a pouco e pouco, cada vez mais, e numa magnífica demonstração, fez o paralelo entre o desenvolvimento da inteligência humana e as bases da organização da Sociedade nos seus diferentes estádios—a Família, a Cidade, a Nação e Império.

E continuou: «Neste cada vez mais vasto campo de organização política, a organização social vai também, a pouco e pouco, modificando o seu aspecto inicial — as relações entre os homens vão-se orientando no sentido de uma unificação, que teve o seu apogeu no século passado (e cada vez mais se acentua nos nossos dias) por meio da ciência e das invenções». E citou as palavras do filósofo Dr. Jinarajadasa: «Foram desenvolvidas relações unindo Nação a Nação, pelo telégrafo e pela rádio, pelos caminhos de ferro e por vapores, pelos livros e jornais, por conferências e viagens. Essas relações tanto se entrelaçaram, inextricàvelmente, que hoje a catástrofe económica de um país afecta o mundo todo. Por outras palavras, estabeleceu-se uma unificação como jamais existiu».

Vamos assistindo também a um progresso dentro do campo social e moral bastante intenso.

O Eng.º Nobre Santos prosseguiu: «Em contraste com certas tendências mais ou menos egoístas, que encontramos na Antiguidade e mesmo na Idade Média, vamos também assistindo simultâneamente com os progressos atrás apontados, a um progresso dentro do campo social e moral bastante intenso, progresso que se vai traduzindo num maior adoçamento das relações entre homens, pela organização de instituições de carácter beneficiente e assistencial».

A Humanidade, tal como a criança, o adolescente e mesmo o adulto, só à custa das experiências vai aprendendo e modificando a sua maneira de ser.

Afirmou seguidamente que o homem chegou à conclusão de que as guerras de nada valem e que não podem resolver os seus problemas. E acentuou. «A Humanidade só à custa das suas experiências vai aprendendo e modificando a sua maneira de ser e só assim conseguirá encontrar o melhor caminho a seguir».

Falou depois sobre as relações entre os homens e os princípios morais que as norteiam, afirmando ser essa a dignidade humana que o Escotismo pratica, por meio de todos os seus exercícios e cerimoniais. E continuou:

«É obedecendo a este princípio que vemos, logo de início, para que o rapaz in-

gresse no seio da grande família escotista, ser necessário ele integrar-se nesses princípios e realizar o seu Compromisso de Honra».

Descreveu a seguir a forma deste acto, adoptada em Portugal e em quase todos os países, afirmando que tudo na sua Lei leva o escoteiro a reconhecer a existência de Deus e, portanto, a propriedade da sua inclusão no compromisso.

Não devemos exagerar os nossos direitos para além dos limites em que isso possa traduzir diminuição dos direitos dos outros.

Referiu se depois aos deveres do escoteiro para com a Família e a Pátria. E, numa demonstração da verdadeira ideia de Pátria e do respeito que lhe é devido, declarou: «Não devemos esquecer que, assim como nós desejamos ver glorificada e vivendo pròsperamente a nossa, os outros terão os mesmos desejos em relação às deles e que, por isso, não devemos exagerar os nossos direitos para além dos limites em que isso possa traduzir diminuição dos direitos dos outros. Isto, afinal, não é mais do que, para a vida das nações, aquilo que é corrente entre os homens».

Disse depois que as instituições que se dedicam a incutir na mocidade essas linhas de conduta merecem de todos franco e leal apoio. E continuou: «O Escotismo está nestas condições e diremos até, mesmo, numas condições óptimas em virtude do grande número de países em que é praticado. Essa quase internacionalidade dá-lhe possibilidades que nenhuns outros movimentos, ou muito poucos, terão. Mas essa internacionalização não colide e antes completa o aspecto nacional do movimento em cada país». Citou palavras do Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, em que se refere à pureza dos princípios de Baden-Powell que leva ao reconhecimento dos altos ideais da Pátria como os supremos dentro da soberania terrena.

A vida escotista do rapaz é constantemente dirigida no sentido das relações com os homens.

«A actividade do escoteiro,—continuou o Sr. Eng.º Nobre Santos,— é orientada desde o início neste duplo sentido do desenvolvimento individual em relação com o colectivo. É por isso que a par do aperfeiçoamento do carácter do rapaz, a sua vida escotista é constantemente dirigida no sentido das relações com os outros indivíduos. É por isso que os escoteiros se agrupam e trabalham em patrulhas com uma vida própria e independente.

A patrulha tem a sua vida, mas faz parte de um agregado maior, o grupo e este da Região e esta do movimento nacional a que pertence».

E prossegue: «Nesta ordem de ideias, quando transpomos as fronteiras das nações e fixamos a nossa atenção nas actividades internacionais dos escoteiros, começamos a perceber qual o verdadeiro significado dessas grandes e periódicas reuniões que se chamam os «Jamborees», os «Rover-Moot», etc.».

Traçou em seguida os objectivos dessas grandes reuniões e referiu-se também ao critério que regula essas actividades.

«É interessante,— continuou o orador,—ver como rapazes de tão distintas origens, se esquecem das diferenças que entre eles existem e sòmente sentem aquilo que de comum os liga».

A vida escotista tem um carácter prático e de aplicação imediata.

O orador falou sobre vários processos e meios adoptados nestes acampamentos mundiais e os efeitos que deles se procuram tirar. E sublinhou: «Deste modo se vê como a vida escotista, mesmo nestes vários aspectos dos seus ideais, tem um carácter prático e de aplicação imediata como a princípio se frisou».

Leu a seguir telegramas trocados entre a Cruz Vermelha e o General Lafont e Coronel Wilson, quando do último «Jam».

E a terminar o seu excelente trabalho citou as palavas do Dr. Francisco Cortez Pinto: «No momento de perturbação mundial que atravessamos, os Escoteiros podem-se considerar como dos melhores obreiros da campanha do bom entendimento entre os homens e as Nações».

O Sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, terminou a sua conferência, aclamadíssimo pela assistência, depois de ter exortado:

«Dediquemos a esse trabalho íntimo do aperfeiçoamento da nossa maneira de ser, todo o nosso sincero esforço pois que, assim, fàcilmente poderemos contribuir para uma melhoria das condições humanas e ter a certeza de que um dia nossos esforços terão sido coroados de êxito. Esse dia, tão ansiosamente esperado e desejado por todos, virá tanto mais depressa quanto nós nos esforçarmos por compreender e pôr em prática, em todos os actos da nossa vida, esses altos ideais».

«Quando procuramos tornar-nos úteis, conseguimos o direito de ser felizes na vida.

O Sr. Dr. Cortez Pinto agradeceu depois os elogios que o nosso Director lhe tinha endereçado e teve palavras de simpatia para com o Eng.º Nobre Santos, apontando-o como um exemplo vivo dos resultados a que o Escotismo pode levar, na manifestação de virtudes.

Comentando a conferência, disse que o discurso do Sr. Eng.º Nobre Santos era uma oração de fé nos bons princípios que devem reger o Escoteiro e nas melhores relações que devem existir entre os homens.

Afirmou que o Escotismo tem por objectivo tirar de dentro do indivíduo tudo o que nele há de bom, para que essas virtudes venham produzir os seus frutos.

E disse: «Há muitas pessoas que me perguntam porque, tendo eu o tempo tão ocupado, estou sempre presente em todas as manifestações escotistas. A esses respondo que, junto dos escoteiros, eu venho beber da sua alegria. E os escoteiros têm alegria porque ela advém do dever cumprido. Não há santidade sem alegria. O cultivo da educação pela alegria é o o cultivo da educação na virtude. Quando procuramos tornar-nos úteis, conseguimos o direito de ser felizes».

Teve a seguir referências elogiosas para a pessoa do Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim e sua Ex.ma Esposa, propondo que em sua homenagem lhes fosse dispensada uma salva de palmas, o que foi vibrantemente acolhido pela assistência com palmas e gritos escotistas.

Terminou, afirmando que estava ao lado Sr. Eng.º Nobre Santos, dizendo que valia a pena continuar a esforçar-nos por atingir os nobres ideais do Escotismo.

Depois de muitas aclamações ao Sr. Dr. Cortez Pinto, tomou a palavra o Sr. Avelar Machado, presidente da Direcção do Ateneu Comercial de Lisboa. Começou por agradecer a presença dos Srs. Dr. Cortez Pinto e Eng.º Nobre Santos e para o nosso Director teve palavras de muita simpatia, dizendo que era para o Ateneu uma grande honra, receber em seu seio as hostes escotistas.

Revelou ter sido na sua mocidade um grande entusiasta pelo Escotismo, simpatia que ainda hoje se não tinha desvanecido.

Agradeceu a oferta da encadernação dos números do «*Sempre Pronto*» com palavras muito gentis.

Depois de vários gritos escotistas endereçados à Direcção do prestimoso estabelecimento de ensino, a sessão foi encerrada no meio do maior entusiasmo.

A seguir efectuou-se uma pequena exposição de livros escotistas franceses, que foi objecto de muito interesse.

O Chefe Wilson, visitando recentemente no Brasil um grupo de Escoteiros do Ar, que se apresentou fardado de calças compridas, não teve dúvidas em declarar, referindo-se aos rapazes que se apresentaram de calças, que os mesmos não eram escoteiros e que do Escotismo só apresentavam a saudação e a flor-de-lis.

"Orientering,,—um novo desporto sueco

Milhares de suecos hábeis em manejar a bússola e os mapas

Algures, numa floresta, ao lado de uma bandeira vermelha, dois homens esperam a chegada de um corredor suarento e enlameado: isto é uma cena familiar a todos os desportistas suecos e o corredor é um dos milhares de jovens que praticam o interessante desporto chamado «Orientering» (Orientação), a arte de saber conduzir-se com rapidez e exactidão através de um terreno desconhecido, sem outra ajuda além de um mapa e de um bússola.

A bandeira vermeiha símbolo das corridas de orientação ou «corridas de mapa e bússola» como também se lhes chamam, marca os pontos obrigatórios por onde o corredor deve passar e serve de posto de fiscalização. Estes postos podem ser situados junto à nascente de um regato, no cume de uma montanha ou num ponto determinado das margens de um lago ou num campo, etc. O trajecto a percorrer costuma ser de 10 a 20 quil., sendo porém mais curtas as distâncias para menores e mulheres e mais longas, naturalmente, as fixadas para campeonatos. A prova máxima de destreza e resistência neste desporto é a competição, por equipas, de 3 dias que se realiza anualmente nas montanhas de Jämtland, no norte da Suécia, durante a qual os concorrentes têm de percorrer a distância total de 80 quil.

As corridas de orientação correspondem ao amor que os suecos têm pela vida ao ar livre e tornaram-se um verdeiro desporto nacional, praticado por centenas de milhares de pessoas, além de 30.000 filiados dos clubes existentes para a prática dessa modalidade. É importante salientar que este desporto é inteiramente livre de qualquer influência militar, muito embora seja praticado também no exército. Torna-se, porém, evidente que a prática geral deste desporto constitui uma grande vantagem sob o ponto de vista militar, num país de grandes extensões florestais, como a Suécia.

Desde que se começaram a praticar, há 30 anos, as corridas de orientação têm tido um grande desenvolvimento. O pequeno grupo de entusiastas que organizou as primeiras competições em 1918, viu-se seguido de nada menos de 1.500 clubes. E este desporto atravessou as fronteiras para se tornar também popular na Finlândia e Noruega, bem como noutros países europeus e ultramarinos.

As corridas de orientação são um desporto muito completo, que requer não só boas condições físicas e rapidez, mas também capacidade de concentração durante o esforço e aptidão para formar juízos e tomar decisões ràpidamente. Torna-se duvidoso se qualquer outro desporto poderá considerar-se mais próximo dos verdadeiros princípios de amadorismo, longe das multidões de espectadores e do profissionalismo.

As corridas de orientação são apesar disso um desporto para o povo, pois não necessitam de qualquer equipamento especial, salvo o mapa e a bússola.

Livros Escotistas Franceses

Na redacção do «*Sempre Pronto*» encontram-se à venda algumas das melhores obras em francês, edições francesas e suiças, aceitando-se encomendas de qualquer obra que não tenhamos em depósito.

Alguns dos mesmos livros encontram-se também à venda na **Tabacaria Boa-Hora**, Rua Nova do Almada, 64—Lisboa.

BALCÃO ESCOTISTA

Compram-se exemplares do n.º 1 do «SEMPRE PRONTO»; resposta e este jornal indicando o preço.

O "GRANDE JOGO,,

TÉCNICA ESCOTISTA

Há, entre nós, alguns pontos da técnica escotista que estão mal esclarecidos e que merece a pena estudar e definir bem. Está neste caso o sistema de trabalho escotista ou, explicando melhor, o sistema de aplicação dos ensinamentos práticos que dizem respeito à técnica escotista. Muitos dirigentes, quando se fala em técnica, dirão—e se o não o disserem, pelo menos pensam — que conhecem perfeitamente as provas de classe, estão habilitados a fazer *o nó de correr e encurtar,* traçar um pista, procurar na abóbada celeste a estrela polar, sabem armar uma tenda e construir uma fogueira. Responderemos que isso é tudo muito útil, indispensável mesmo, mas de resultados nulos se se ignorar o método de instrução dessas matérias e, sobretudo, se se não for capaz de fazer funcionar o grupo no «SISTEMA DE GRANDE JOGO», que interesse e não só entusiasme, mas mantenha o entusiasmo do rapaz.

O «grande jogo» começa logo que o aspirante entra para o Grupo. Nada de facilitar a admissão. Devem ser cumpridas todas as formalidades. O rapaz deve ver a sua proposta afixada para conhecimento de todos e consequente informação. Depois é aprovada em Conselho de Guias e só então o aspirante entra no convívio do Grupo. Mas fá-lo através de uma cerimónia em que o Chefe apresenta o *recruta* aos seus futuros camaradas. Esta cerimónia, embora obedecendo a moldes estudados, pode ter um carácter particular em cada Grupo e deve mostrar ao rapaz que iniciou a participação no movimento. Mas não é Escoteiro! Não pertence a nenhuma patrulha, não toma parte em certas actividades, não é cumprimentado com a mão esquerda, não se farda, note-se *não se farda.* Para conseguir esses direitos ele tem de se esforçar por prestar provas morais e de aptidão: começou o jogo!

O fardamento constitui para o aspirante uma grande dificuldade. Ele terá de a resolver, conseguindo o dinheiro da família, economizando-o, prestando serviços, construindo utensílios e vendendo. Numa palavra é o aspirante que tem de arranjar o fardamento, se se quiser que ele venha a ser um bom Escoteiro. Se o Chefe lhe der o fardamento acontecerá como na história do bicho de seda: Um rapaz tinha um bicho de seda que formou o seu casulo. Dias após a mariposa começou o difícil trabalho de furar o casulo para sair, e o rapaz, condoendo-se da pobre borbolenta, ajudou-a do exterior. Assim, depressa a borboleta adquiriu a liberdade, mas débil, fraquinha, logo feneceu. Fez o trabalho depressa, mas não atingiu o vigor necessário. Assim acontecerá com o aspirante a quem foi facilitado o seu ingresso no Grupo.

Ao fim de um certo período o rapaz deve estar pronto para prestar o Compromisso. Se se lhe despertou o interesse pelo jogo, se as provas foram prestadas como etapas de um alvo a atingir, o rapaz já fez tudo para alcançar o seu fardamento e ao fim de uns três meses poderá prestar o Compromisso. O Grupo pode ajudá-lo emprestando-lhe, com autorização expressa dos Pais, o dinheiro para qualquer peça de fardamento. A Cerimónia do Compromisso é outra fase importante do «Jogo». Sobre ela conversaremos em breve.

E. R.

A Voz do Chefe



EXPLORADORES PORTUGUESES

Passando no próximo dia 22 o 92.º aniversário de Lorde Baden-Powell, julgamos oportuno reproduzir uma passagem de um dos livros do nosso Chefe em que se referia a Portugal e particularmente aos nossos extraordinários navegadores dos séculos XV e XVI.

Nestas linhas poderão avaliar a simpatia e admiração que o Fundador nutria pela nossa Pátria, e ao mesmo tempo o espírito de justiça e de equidade que sempre norteou a sua vida e que continua a ser um nobre exemplo para a mocidade que em todo o mundo segue a doutrina por ele modelarmente traçada.

Há algum tempo, em presença de um grande número de escoteiros, recebi a «Ordem de Cristo» das mãos do embaixador de Portugal, em recompensa do que têm feito os escoteiros naquele país.

Agradecendo ao embaixador, disse que me era feita uma honra particularmente grande, porque esta condecoração era conferida, em Portugal, aos velhos exploradores marítimos de antanho.

O Príncipe Henrique, de cognome «o Navegador» pelas suas viagens aventurosas e pelas suas engenhosas invenções para ajudar os marinheiros a encontrar a sua rota, era ele próprio Grão-Mestre da Ordem de Cristo e foi graças a ele que Portugal produziu uma série tão maravilhosa de aventureiros e colonizadores.

Provàvelmente, uma ou duas pessoas acharam que eu dava demasiada importância a Portugal e disseram-me:

«E então os nossos lobos de mar britânicos, os Hawkins, os Drake, os Raleigh, os Gilbert?»

A esses devo responder em defesa da minha apreciação:

«Lede a História e vereis que o cabo da Boa Esperança foi descoberto por Dias em 1487, a Índia por Vasco da Gama em 1498, o Brasil por Cabral em 1500 e a América do Sul no ano seguinte por Américo Vespúcio, ao mesmo tempo que Magalhães descobriu, ao sul da América, o estreito de seu nome, tão terrìvelmente perigoso, em 1519. Todos navegadores portugueses ou espanhóis.

É verdade que Hawkins avistou o Brasil; Martin Frobisher explorou a Passagem do Noroeste em três viagens diferentes; Sir Walter Raleigh explorou as Índias Ocidentais e o Orenoco no norte do Brasil; William Adams alcançou primeiro o Japão e estabeleceu relações de amizade com os Japoneses em 1600; Sir Humphrey Gilbert fundou a colónia da Terra Nova e John Hawkins abriu a África Ocidental ao comércio, enquanto Sir Francis Drake dava a volta ao mundo seguindo a rota de Magalhães através dos estreitos que ele havia descoberto.

Porém, há uma diferença nas datas. Os descobrimentos dos Portugueses foram feitos nos tempos dos avós e dos pais dos nossos marinheiros. Se os nossos compatriotas fizeram face às dificuldades e perigos com barcos pequenos e incapazes, com deficientes instrumentos e escassas provisões de boca, que extraordinária ideia isso nos dá da coragem desses outros homens que estavam ainda muito mais mal servidos neste aspecto, quando se faziam à vela para o desconhecido».

É necessário render honras a quem as merece. Espero que todos se lembrem disto quando encontrarem nos «Jamborees» irmãos-escoteiros doutros países.

No dia 22 a B. B. C. de Londres transmite um programa escotista em memória de Lord Baden-Powell.

SECÇÃO TÉCNICA

Jogos

VOZES DE ANIMAIS

Vendam-se os olhos a um rapaz. Os outros escoteiros formam um círculo; o primeiro rapaz anda à roda do círculo e pára em frente de um escoteiro e imita a voz de um animal, ao qual o escoteiro que está no círculo replica, imitando de igual modo a voz do animal. O escoteiro de olhos vendados procura então descobrir pela voz o nome do escoteiro. Se não acertar, o jogo continua. Se acertar, os dois escoteiros trocam os lugares, sendo então vendados os olhos ao segundo. Todos mudam a sua posição no círculo e o jogo prossegue da mesma maneira.

ASSALTO AO CASTELO

Um grupo forma um círculo, dando os rapazes as mãos uns aos outros. Um outro grupo, que está fora do círculo, assalta-o e, procura ir para dentro do círculo. Quando conseguirem entrar todos os escoteiros do segundo grupo, os papéis são trocados: os rapazes do segundo grupo formam por sua vez o círculo e os do primeiro vão então atacá-los. Sai vencedor o que gastar menos tempo a «conquistar» a fortaleza, isto é, meter todos os seus escoteiros dentro do círculo.

□ □

Insígnias de capacidade

COLONIAL

Insígnia: *Duas palmotas tendo ao centro uma palmeira — cor vermelha.*

1.º Recordar oralmente os aspectos principais da história colonial portuguesa, citando os nomes e principais feitos de alguns dos seus heróis.

2.º Fazer à escala grande uma carta completa e pormenorizada de uma província ultramarina portuguesa, demonstrando:

a) Os episódios da colonização: itinerários dos exploradores, lugares e indicação das principais recordações, etc.;

b) As modificações económicas, sociais e espirituais trazidas pelos portugueses (grandes obras, cidades, fomento agrícola, escolas, hospitais, igrejas, etc.).

3.º Fazer uma colecção de amostras, fotografias, esboços, recordações e objectos de toda a espécie concernentes à colónia estudada, por meio de uma procura nos museus e segundo colonos residentes na colónia ou que já tenham regressado à metrópole.

4.º Prestar com êxito:

a) A prova de habilidade manual e de vida de campo de primeira classe;

b) Uma prova de exploração de primeira classe.

N. da R.—Esta insígnia não tem sido usada entre nós. Parecendo-nos, porém, que ela reveste grande interesse para nós, portugueses, tomámos a decisão de a adaptar das provas que são usadas pelos *Eclaireurs de France*. Esperamos que em breve a vamos ver na manga da camisa de todos os escoteiros seniores portugueses.

□ □

Curiosidades

IMPRESSÃO COM UMA BATATA

Há uma maneira fácil de se conseguir imprimir o mesmo desenho diversas vezes. Para isso basta cortar ao meio uma batata de maneira que a superfície cortada fique bem lisa. A seguir, sobre essa superfície, traça-se com a ponta de um canivete o desenho que se quer reproduzir, arrancando depois tudo o que não pertencer ao desenho, de forma a obter-se uma figura em relevo com cerca de meio centímetro de altura.

Pinta-se seguidamente com uma aguarela sem água ou com a rolha de um tinteiro e fixa-se depois o desenho sobre uma folha de papel.

Consegue-se assim um óptimo desenho. Se acaso se quiser reproduzir as iniciais do nome, gravam-se na batata às avessas, senão obter-se-ão letras invertidas.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

NORUEGA

Notícias sobre o IV «Rover Moot»

Começam a chegar-nos notícias mais pormenorizadas sobre o próximo «Rover Moot».

Estão constituídos os Conselhos Principal e Executivo, chefiados, respectivamente, pelo coronel J. S. Wilson e pelo Sr. Trygve Gundahl.

Os escoteiros juniores e seniores noruegueses trabalham activamente para a formação de uma equipa de agentes de ligação para cada um dos diversos contingentes.

O acampamento será instalado numa propriedade perto de Skjak, em Ottadalen, na Noruega central. É delimitada ao sul pelo rio Otta e ao norte pela estrada que vai de Otta e Lom para Grotli e Stryn. O terreno é arenoso e coberto de musgo e urze e a área é quase toda plantada de abetos dispersos, de 3 1/2 a 4 1/2 metros de altura.

O campo é formado por pequenos degraus, próprios para a constituição em sub-campos, ao longo de uma faixa, perto do rio.

Uma clareira no extremo do lado do poente será aproveitada para se construir o recinto onde se realizarão as cerimónias de abertura e fecho e uma outra clareira em forma oval, quase ao centro do campo, servirá òptimamente para a efectivação de espectáculos desportivos.

BRASIL

Comemorando o dia 29 de Novembro, data da formação oficial da primeira entidade escoteira do Brasil, a União dos Escoteiros do Brasil promoveu na ilha da Boa Viagem um acampamento de confraternização de chefes e escoteiros-seniores, nos dias 27 e 28 de Novembro passado.

O presidente da União fez uma pequena prelecção aos dirigentes e o acampamento decorreu no meio de grande harmonia e camaradagem.

Uma B. A. colectiva do Grupo n.º 79

O Grupo n.º 79 começou bem o ano. No dia de Ano Novo reuniu na sua sede um grupo de 11 criancinhas pobres da sua freguesia—Alcântara—e distribuiu-lhes roupas, géneros de mercearia, bolos e brinquedos. Como, porém, se reuniram muitas outras crianças, a todas as presentes foram distribuídos bolos e brinquedos, que fizeram a alegria de toda a pequenada presente. Os escoteiros do 79 receberam todas as crianças com simpatia e carinho.

Os géneros e brinquedos, bem como os vestidos, foram oferecidos pelas madrinhas dos Escoteiros Sr.as D. Maria de Lourdes, D. Alda Guia Mendes, D. Albertina Guia Mendes, D. Maria Helena Afonso Ramos, D. Esmeralda Rodrigues e D. Justina de Carvalho.

Antes de iniciar esta distribuição, realizou-se a cerimónia do Compromisso de Honra do novo escoteiro Carlos Américo.

Assistiram à festa o Sr. Renato de Vasconcelos, secretário e representante da Junta de Freguesia de Alcântara, Escoteiros do Grupo 2, e um representante do «*Sempre Pronto*».

• • o • •

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Visitas—Tivemos o prazer de receber a visita dos nossos irmãos-escoteiros Srs. João Messias Godinho e Alberto Rodrigues Horta, respectivamente actual e antigo representante do nosso jornal no Entroncamento.

● Igualmente nos foi grato receber em Lisboa o nosso estimado assinante de Lourenço Marques Sr. Israel Perdigão que, encontrando-se de férias no continente, teve a gentileza de nos vir cumprimentar. Muito obrigado.

De luto—Em 25 de Janeiro findo faleceu a Sr.ª D. Evangelina de Morais Freire, esposa do nosso prezado amigo e assinante, Sr. José Ilídio Freire, ministro evangélico, a quem apresentamos condolências muito sentidas.

● Pelo falecimento de sua Esposa, Sr.ª D. Luísa de Oliveira, ocorrido em 30 de Novembro findo, encontra-se de luto o antigo dirigente escotista Sr. Franklin de Oliveira, a quem endereçamos condolências sentidas.

● Em 27 de Dezembro p. p. faleceu a Sr.ª D. Angélica Pereira Lima Basto, mãe do nosso estimado assinante Sr. Alberto Lima Basto e do Sr. Dr. Edmundo Lima Basto, antigos dirigentes escotistas, a quem apresentamos sentidas condolências.

• • o • •

IMPRENSA

ECCLESIA

Recebemos o número primeiro desta interessante revista, órgão da Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica. É dirigida pelo antigo Comissário Escotista e nosso prezado amigo Sr. Rev. Eduardo H. Moreira e apresenta uma magnífico aspecto gráfico e colaboração escolhida. Desejamos-lhe longa vida e inúmeros êxitos.

No próximo dia 22 de Fevereiro, o «Thinking Day» (Dia de Recordação) de Lord Baden-Powell, a B. B. C. radiodifunde um programa especial na Hora da Criança em memória do grande Chefe-Escoteiro. Esse programa é transmitido das 17 horas (5 horas da tarde) até às 17 e 55 m. e é composto de canções escotistas de fogo de conselho, dirigidas por Miss Mary Charter, comissária para a Música das «Guirl Guides», e de uma palestra pela Chefe Mundial das Escoteiras Lady Baden-Powell, viúva do fundador do Escotismo.

PALESTRAS COM UM GUIA

O GRUPO SEM CHEFE

O problema que me apresentas, irmão Guia, é muito importante, porque a ausência do Chefe cria uma grave dificuldade no Grupo. Sinto muito que a doença do vosso Chefe se prolongue tanto, e vos tenha privado da sua inteligente e carinhosa direcção, porém é necessário arbitrar uma solução para que não marcheis à deriva.

Quê, não sabeis o que fazer? Pois está bem claro; tomar as medidas oportunas para que, no possível, não se note a falta do Chefe. Quem vai conseguir isto? Tu e todos os Guias de Patrulha que há Grupo. Não me olhes assombrado. Podeis realizar este trabalho e deveis fazê-lo. Sim é verdade que o vosso Chefe vale muito e tu duvidas que possais desempenhar o seu cargo airosamente. Não te falta razão, se julgas que aquilo que eu te peço é que façais aquilo que ele fazia; porém, não é isso o que se pretende, senão simplesmente o conservar a unidade de acção de todas as patrulhas, a fraternidade do Grupo, a sua marcha administrativa e financeira. Porque, para que o Grupo siga o seu caminho, não basta, embora seja muito, que cada Patrulha siga trabalhando particularmente.

Alegra esse rosto porque a coisa é realizável. Não esqueças, além disso, que a palavra «impossível» foi riscada do dicionário escotista, e que um Escoteiro não é um menino a quem é necessário conduzir pela mão a todos os lados, senão que é um valente rapaz pronto a marchar sòzinho pela vida fora.

Vamos à prática: Que eu saiba, não está previsto em nenhum regulamento um caso que se pareça com o vosso, portanto vamos a pensar com sentido comum e pelo bem do Grupo.

Todos os Guias sabem como marcha, mais ou menos, o Grupo nos seus diversos aspectos, já que tudo o que lhe diz respeito se trata nos Conselhos de Guias; portanto, creio que o Conselho de Guias é o organismo que deve preocupar-se desde agora para que tudo siga marchando como se o vosso Chefe cuidasse pessoalmente de vós. Hoje mesmo vais falar com os teus companheiros Guias, e concertar uma reunião do Conselho. Talvez fosse interessante que para este primeiro Conselho sejam convocados também os Sub-guias, a fim de que eles se apercebam bem da importância do caso e os possam ajudar mais eficazmente no trabalho dentro das Patrulhas.

O Conselho de Guias deve passar revista à situação criada pela enfermidade do Chefe, e traçar um programa fácil e eficaz para que as actividades sigam normalmente. O melhor de todos vós deve ser eleito Primeiro Guia, algo assim como Chefe interino do Grupo. Considero que Pedro, o Guia dos Tigres, é o rapaz apropriado para isto; é mais velho que todos os demais, muito correcto, e tem uma brilhante história escotista de cinco anos de actividade. Desempenhará bem a missão, sobretudo se nos trabalhos administrativos é auxiliado directamente por um par de Guias capazes.

Posto isto, o primeiro que o Conselho de Guias deve fazer, é pôr-se em contacto com o organismo superior de quem o Grupo depende, expor-lhe a situação em que vos encontrais—ainda que alí já o saibam—dar-lhe conta das medidas adoptadas e de vossos projectos, e rogar que vos aconselhem em tudo quanto considerem conveniente.

As reuniões gerais do Grupo devem continuar a realizar-se normalmente, com programas semelhantes àqueles que apresentava o Chefe, e como tu sabes, eram estudados prèviamente muitas vezes no Conselho de Guias. A pequena palestra que vos dava o Chefe pode ser substituída pelo trecho de um livro, manual, ou jornal escotista, salvo no caso de que algum de vós seja capaz de fazer alguma palestra interessante.

Lembro-me que, como coisa simbólica de união de todos dentro do Grupo, as reuniões devem ser presididas pela bandeira do Grupo colocada em lugar destacado, direita, e junto, amarrados em apertado laço, todas as bandeirolas de Patrulha. Será de bom efeito para vos recordar a todos a existência de um nexo que vos irmana dentro da Grande Família, e que pelo momento, a rivalidade de Patrulhas—ainda que sendo uma luta nobre—devem deixar-se a um lado.

Deveis convencer-vos sèriamente da responsabilidade que representa o assumir a direcção do Grupo. Não temais essa responsabilidade e afrontai-a valentemente, porém isto quer dizer que cada acção, cada projecto, deve ser estudado cuidadosamente e posto em prática com sereno entusiasmo.

Aparte do vosso trabalho comum no Conselho, todos os Guias, individualmente, devem reforçar a efectividade em vossas respectivas Patrulhas para que o seu labor não se ressinta pela falta de atenção vigilante do Chefe do Grupo. Falai com os vossos companheiros dizendo-lhe que esperais que agora, precisamente agora, demonstrarão que são uns verdadeiros Escoteiros, superando-se em seu bom comportamento. Que o «espírito de Patrulha» viva pujante, e tudo o mais será fácil.

Excursões, reuniões, estudos, jogos, tudo deve seguir igual como quando estava o Chefe, só que agora, vós, Guias, deveis pôr maior cuidado em tudo, posto que no momento deveis confiar nas vossas próprias forças.

Porém, muito cuidado em que não vos suba «o mando» à cabeça. Isso não seria escotista. Porém julgo-vos suficientemente bons para que tal coisa não aconteça; só um fátuo pode pensar em substituir fàcilmente o Chefe, e vós não sois néscios. Por isso é conveniente que sigais os conselhos que receberdes do organismo superior, e a mesma razão aconselha que se numa saída ao campo vos situais nas proximidades de um Grupo que tem o seu respectivo Chefe, o Primeiro Guia deve apresentar-se a esse Chefe, comunicar-lhe a vossa situação e pôr-se à sua disposição; possìvelmente o Chefe visitará o vosso acampamento e ser-vos-á útil.

Assim, pois, irmão-guia, o meu conselho é que podeis cuidar do Grupo enquanto persistam as circunstâncias actuais, e que, quanto antes, comeceis a trabalhar melhor. Pensai em que a vossa missão não é a de melhorar o Grupo, senão conservá-lo no seu actual estado de eficiência. Se o conseguirdes, podeis sentir-vos orgulhosos.

E sabei desde já que não estais sós, que todos vos ajudarão se assim o desejardes, e que a todo o momento, o pensamento do vosso Chefe, do seu leito de enfermo, acompanhar-vos-á como sempre.

O Escotismo e o vosso Chefe confiam em vós, e não podeis defraudar as suas esperanças. Eu também acredito na capacidade de trabalho desses pequenos-grandes artífices do Movimento, que sois vós, os Guias, e desejo-vos uma boa caça.

HENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

MARIA ANTUNES MACEDO

Faleceu no passado dia 7 de Janeiro, a Sr.ª D. Maria Antunes Macedo, Avó do nosso Administrador Sr. Capitolino Ferreira Macedo e Mãe do nosso prezado amigo Sr. Custódio Antunes Macedo e do Sr. Manuel Antunes Macedo.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério da Ajuda e nele se incorporaram numerosas pessoas.

O «*Sempre Pronto*» apresenta sentidas condolências a toda a família em crepes, em particular ao nosso camarada de trabalho Capitolino F. Macedo.

O PAPEL DA RELIGIÃO NO ESCOTISMO

Depois do muito que se tem escrito ùltimamente sobre *Escotismo e Religião*, parece-nos que vai sendo necessário assentar em princípios bem definidos, que não permitam conclusões confusas ou critérios estreitos. Não oferece dúvida que o Escotismo, conforme Baden-Powell o criou e os seus colaboradores e sucessores têm prosseguido, é um Movimento que tem a Religião como base fundamental. Podemos afirmar que o Escotismo, na sua inspiração, na sua essência, nos seus ideais é um movimento cristão. Todavia, Baden-Powell reconhecendo que a juventude, toda a juventude, carecia de uma nova orientação educativa que prevenisse e corrigisse os hábitos viciosos de uma sociedade decrépita, de uma população indolente, comodista, e fomentasse na gente-nova costumes viris e de trabalho, alargou o Escotismo a todos os jovens, estabelecendo apenas que o «o ponto essencial é que todos adorem a Deus, ainda que de diferentes maneiras». O abade Jacques Sevin, comentando Baden-Powell, conclui: «O que é essencial ao Escotismo, é ser pràticamente crente e religioso».

Este princípio não se enquadra, naturalmente, nas finalidades imediatas de qualquer agrupamento religioso e, por isso, tanta batalha se faz em qualificar o Escotismo com um ou outro adjectivo.

Se o Escotismo visa educar, desenvolver o civismo entre os rapazes, ninguém poderá em bom critério desejar que tão valiosa acção se circunscreva a um círculo fechado. Baden-Powell, espírito cristão e, portanto, tolerante e generoso, compreendendo que na educação da mocidade se encontrava a chave do problema social, abriu o Movimento a todos os rapazes, procurando que **todos** se dedicassem a um ideal de tolerância e de boa-vontade.

Esta amplitude do Escotismo não encoraja atitudes dúbias, indefinidas, porque o Fundador exige que o Chefe vele pelo cumprimento dos deveres religiosos de cada Escoteiro, de harmonia com a sua própria confissão. O que importa e tem valor é que o que o Escoteiro afirme a sua crença, e não o Organismo escotista.

Nada impede que se constituam associações ou grupos confessionais, porém tais grupos deverão praticar actividade escotista e integrar-se na fraternidade escotista, considerando seus irmãos todos os rapazes que prestam o Compromisso de Honra, se querem ter o direito de se considerarem parte do movimento fundado por Baden-Powell.

O grupo confessional deve colaborar eficazmente com a sua Igreja, sem que essa cooperação constitua toda a actividade do Grupo.

Individualmente, se um Escoteiro pertence a uma associação ou a um grupo composto por rapazes de mais de uma crença, isso em nada afecta as suas convicções e pode fomentar e vincular excelente espírito de tolerância e respeito pelas opiniões alheias, sem prejudicar a afirmação da Fé de cada um.

E qual será o melhor Escotismo? O católico, o israelista, o evangélico, o justaconfessional? Quanto a nós o melhor escotismo será aquele que conseguir apresentar os melhores frutos, aquele que criar rapazes ou raparigas mais amantes de Deus e cumpridores da Sua vontade; com maior espírito de civismo, mais dedicados ao seu semelhante, mais vigorosos de corpo e espírito, mais aptos a vencer na vida, mais ágeis, com maior capacidade de acção e de iniciativa. Esse será o melhor Escotismo!

E. R.

Novas perspectivas de reorganização do Grupo n.º 1

O Grupo n.º 1 da Associação Cristã da Mocidade foi uma das unidades mais florescentes do Escotismo Português, por onde passaram dezenas de escoteiros, alguns dos quais vieram a desempenhar funções de destaque em cargos directivos dos Escoteiros de Portugal. Há anos que este Grupo se encontra inactivo, apesar de estar sempre presente o desejo de o fazer reviver.

Presentemente, um Dirigente escotista que é simultâneamente sócio da A. C. M. e tem feito parte da sua Direcção, o nosso amigo Sr. José Ferreira da Silva, encontra-se interessado em reorganizar o Grupo e conta para isso com o patrocínio de um antigo escoteiro do mesmo Grupo que, anònimamente, está na firme disposição de facultar elementos de trabalho para a sua reorganização.

Simultâneamente, consta-nos que alguns antigos-escoteiros do «1» estão pensando em realizar um almoço de confraternização dos antigos membros desta antiga unidade escotista, que introduziu o Movimento no Continente Português, a realizar no dia 9 de Abril, data do aniversário do Grupo.

Sugerimos que estas duas iniciativas se congreguem, de forma a tornarem possível, por um lado a reorganização do Grupo, pelo outro a constituição dum forte núcleo de patrocínio ao Grupo reorganizado.

O «*Sempre Pronto*» receberá, com muito prazer, adesões a esta iniciativa de antigos-escoteiros.



Grupo n.º 6 — Olhão

Visitas—Em 2 de Janeiro corrente recebemos a agradável visita do ex-Chefe dos Grupos 6 e 16, António Viegas Custódio, que muito agradecemos.

Actividades—Desde 1 de Janeiro registaram-se as seguintes:

Bivaques das Patrulhas Tigre, Andorinha, Águia e Leão na Mata dos Eucaliptos em Belmonte. Classe de ginástica e jogos para todo o Grupo, no nosso Campo de Jogos.

Excursão de alguns Escoteiros, guiada pelo Instrutor Pina, ao Serro da Cabeça, onde se praticaram transmissões, transporte de feridos, transportes em cabos de vai-e-vem, etc.

XXIV Aniversário—No dia 18 de Janeiro este Grupo comemorou a passagem do 24.º aniversário da sua fundação, com uma pequena Festa que teve lugar na sua sede. Dignaram-se presidir os Srs. Drs. Luís Bernardino da Silva, presidente da Comissão de Honra do Grupo; Manuel de Sousa Guita, membro da mesma Comissão e sub-delegado da M. P.; e o chefe regional João Trigueiros, representante dos Serviços Centrais.

Aberta a sessão fez uso da palavra o instrutor Pina, que focou algum trabalho realizado no ano passado, a actual situação do Grupo dentro das Patrulhas e aconselhou os Guias sobre o caminho a seguir no corrente ano. Falou também de alguns bons Guias que hoje estão ausentes de Olhão por motivos da sua vida particular, sobressaindo dentre eles Luís Granja, considerado como o melhor Escoteiro que passou por este Grupo e cujo exemplo deveria ser seguido por todos.

Fizeram também uso da palavra o Guia da Patrulha Tigre, José F. Delgado e o Guia de Secção, José Azinheira Rebelo.

O Guia da Patrulha Galo, Mário Quintas, fez uma pequena prelecção sobre a vida Escotista do seu antecessor Luís Granja, a quem era devida a reorganização da sua Patrulha e terminou convidando a irmã do homenageado para descerrar a sua fotografia no «canto» da Patrulha Galo, cerimónia enternecedora.

Ao encerrar a sessão o Presidente, Sr. Dr. Luís Bernardino da Silva, disse que não obstante as suas muitas ocupações sentia sempre grande prazer em compartilhar das nossas Festas e que estaria «Sempre Pronto» a colaborar com o Grupo.

Terminou esta Festa com um chá de confraternização, que decorreu animadamente.—C.

Uma Exposição Fotográfica de Campismo promovida pelo Ateneu Comercial de Lisboa

A secção de campismo do Ateneu Comercial de Lisboa, promoveu, em 8 do corrente a III Exposição Fotográfica de Campismo.

Em conversa com alguns dos membros da comissão organizadora, soubemos que reina o maior entusiasmo por esta actividade, tendo o número de concorrentes e trabalhos expostos ultrapassado o dobro dos que se verificaram nas anteriores exposições. Importantes entidades, como a Embaixada Britânica, Serviços de Turismo da Suíça e S. N. I., deram a sua cooperação, pelo que esta actividade se deve rodear de grande interesse. Há numerosos e excelentes prémios a conceder aos melhores classificados.

No próximo número daremos a ampla notícia que este acontecimento merece.

Os Escoteiros Finlandeses em Lisboa

Um festival em sua honra no Ateneu Comercial

No passado dia 17 de Janeiro realizou-se no rinque de patinagem do Ateneu Comercial de Lisboa, um festival desportivo em honra dos escoteiros finlandeses que se encontravam em Lisboa, organizada pelo Departamento de Propaganda e Divulgação da A. E .P. e que teve a gentil colaboração do Ateneu Comercial de Lisboa e do S. L. e Benfica.

Este festival começou por um encontro de óquei em patins entre equipas do Benfica e Ateneu que aqueles ganharam por 2 a 1 bolas.

A seguir, os Srs. Prof. Domingos Miguel e António Calado, atletas do A. C. L., fizeram uma interessante demonstração do jogo do pau que a assistência, justificadamente, sublinhou com entusiásticas salvas de palmas.



O nosso redactor Ernesto Clímaco do Nascimento e o Eng.º Brotas Cardoso, junto dos escoteiros finlandeses e das equipas de voleibol, vendo-se ao centro a patinadora Edite Cruz

A segunda parte do programa seguiu-se-lhe, jogando as equipas do Ateneu e do Grupo 16 de Carcavelos, um encontro de voleibol, que terminou empatado.

Então os escoteiros finlandeses desceram ao rinque e formando entre as equipas concorrentes, receberam da patinadora Edite Cruz, medalhas oferecidas pela A. E. P., como recordação da sua visita ao nosso país.

A fechar o programa, a patinadora Edite Cruz fez uma interessante demonstração de patinagem artística que mereceu da assistência fartos aplausos.

Este programa, apesar da sua singeleza, foi seguido com muito agrado pela boa assistência e, especialmente, pelos homenageados.

A terminar, foi servido aos visitantes na sala da Direcção um Porto de Honra em que tomaram parte Directores dos Clubes que colaboraram na festa e a Direcção da A. E. P.

O Chefe finlandês agradeceu em termos muito elogiosos a forma como foram recebidos em Portugal.

O Escoteiro-Chefe Geral respondeu em nome dos escoteiros portugueses, agradecendo as palavras do nosso irmão-escoteiro finlandês.

O Director do A. C. L. mostrou em seguida as instalações deste magnífico estabelecimento cultural aos escoteiros visitantes.

Os finlandeses não esconderam a sua satisfação pela homenagem dos escoteiros portugueses e por vezes demonstraram o bom-humor de que estavam possuídos.

PATO COXO

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

—Embarcou no dia 29 de Dezembro p. p., para Lourenço Marques, onde vai prestar serviço nos caminhos de ferro da Beira, o escoteiro e músico da nossa banda, Sr. António Rosa Bernardino. Desejamos-lhe as maiores felicidades na sua nova carreira.

—Encontra-se internada numa casa de saúde em Lisboa, o escoteiro Alberto Serra Macedo, que foi vítima de um acidente no trabalho, de que resultou receber graves ferimentos na perna esquerda. Daqui lhe enviamos os nossos votos de pronto e completo restabelecimento, para que bem depressa o possamos ver novamente entre nós.

—Foi com pesar que o «84» viu retirar do seu convívio o escoteiro júnior João Rabaça Horta, de que, pelas suas qualidades, este grupo se orgulhava. Este nosso camarada encontra-se em Alhandra, a trabalhar nos serviços técnicos da Fábrica de Cimentos «Tejo», onde, decerto, as suas altas qualidades morais e de trabalho terão a sua justa recompensa. Enviamos-lhe saudações fraternais e desejamos-lhe as maiores venturas.

—Já se encontra nesta localidade, o escoteiro Manuel Ferreira Valério, que em Lisboa foi sujeito a uma operação. Fazemos votos por um rápido e completo restabelecimento.—C.

DE LUTO

MANUEL CORTEZ PINTO

Em 30 de Dezembro findo faleceu o Sr. Manuel Cortez Pinto, irmão do Sr. Dr. Francisco Costez Pinto, Presidente do T. H. dos Escoteiros de Portugal, cujo funeral se realizou no dia 31 com grande acompanhamento.

O «*Sempre Pronto*» apresenta condolências muito sentidas a toda a família enlutada, em particular ao nosso estimado amigo Sr. Dr. Cortez Pinto.

Cumprimentos de Boas-Festas ao "Sempre Pronto,,

Também os nossos prezados amigos Srs. Almerindo Gonçalves Fernandes e David M. de Barros, representante do «*Sempre Pronto*», no Brasil, tiveram a amabilidade de nos enviar as Boas-Festas e desejos de Ano Novo Feliz que tornaram extensivos a todos os escoteiros portugueses.

Retribuímos, penhorados, a sua gentileza.

O "SEMPRE PRONTO,,

Vende-se em Lisboa na

TABACARIA DO CAFÉ SUÍÇO

Rua do 1.º de Dezembro

(frente à Estação do Rossio)

LIVROS

Troupe Vivante—Pierre Sainderichin —Les Éclaireurs de France.

O Manual do Chefe de Grupo é o sub-título desta excelente obra editada pelos Éclaireurs de France. E é de facto um manual pois explica e define, passo a passo, a acção do Chefe através dos diversos aspectos da vida do Grupo e em face dos Guias, das Patrulhas e dos Escoteiros em geral.

Referindo-nos no penúltimo número à obra: «Trente Garçons» dissemos: «Não é um manual, mas é um bom roteiro da vida do Grupo». Pois *Troupe Vivante* será o manual. Através dos seus capítulos apreciam-se as seguintes matérias: *Patrulhas primeiro, a direcção do grupo, o comando, a atmosfera, o prestígio do Chefe. A formação dos Guias, a ascensão do grupo, o progresso técnico, o campo de verão. A sede, os pais, o recrutamento dos rapazes. A direcção do grupo, a formação do chefe e a sua biblioteca.* A simples enunciação destes assuntos dão ideia do valor do livro e podemos acrescentar que são tratados com competência e clareza muito apreciáveis.

A todos os dirigentes portugueses recomendamos esta obra que será de grande utilidade na orientação do trabalho do chefe de grupo.

Caro Leitor:

Interessa-te o SEMPRE PRONTO? Propaga-o entre os teus amigos.